



MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E EXPERIÊNCIAS DE LEITURA: UM DIÁLOGO COM PROUST

Gilcilene Dias da Costa¹
 Jessé Pinto Campos²

RESUMO

Este artigo visa a discutir o tema da Leitura configurado no ensaio *Sobre a Leitura*, de Marcel Proust (literato parisiense que nasceu em 1871 e morreu em 1922). O objetivo consiste em espreitar o universo literário proustiano pelo viés da leitura a partir de suas memórias de infância, a fim de perscrutar experiências de leitura que nos levem a pensar, por um novo ângulo, os sentidos formativos da leitura. O estudo, de caráter bibliográfico, dialoga com Proust (2001), Nietzsche (2003) e Larrosa (2002, 2004), levantando como argumento a percepção de que a leitura, embora constitua uma atividade educativa transversal que perpassa as diferentes áreas do conhecimento no meio escolar, acadêmico e vida social, infelizmente não vem sendo desenvolvida e incentivada satisfatoriamente desde tenra idade do educando, ocasionando sérias implicações para o processo de aprendizagem em sua trajetória de escolarização e aspectos da vida cotidiana. Conclui-se que a ideia de leitura, presente na obra *Sobre a Leitura*, de Marcel Proust, valora e incentiva o ler na tenra idade, trazendo a importância do ato do ler por entre seu contato subjetivo com o *leitor*.

Palavras-chave: Leitura; Sentidos; Experiências Formativas; Marcel Proust.

CHILDHOOD MEMORIES AND READING EXPERIENCES: A DIALOGUE WITH PROUST

ABSTRACT

This article aims to discuss the topic of Reading set on the essay *Sobre a Leitura*, by Marcel Proust (Parisian writer who was born in 1871 and died in 1922). The goal of this work is approach the Proust's literary universe by reading experiences built in the author's childhood to see through new viewpoints, perspectives for formative means. The bibliographical study tries to dialogue with Proust (2001), Nietzsche (2003), and Larrosa (2002, 2004), bringing as argument the perception of reading. Although, it is a transversal educational activity which is running through different areas of knowledge in means like schools, academic and social life. Unfortunately, the reading has not been developing satisfactorily and encouraging from the student's early age. It could cause serious implications for the learning process in their trajectory of education and aspects of everyday life. In conclusion, the idea of reading devolved in the work *Sobre a Leitura* can allow us to realize how Proust evaluates and encourages reading at an early age, bringing the importance of the act of reading through its subjective contact with the *reader*.

Keywords: Reading; meanings; Formative Experiences; Marcel Proust.

MEMORIAS DE INFANCIA Y EXPERIENCIAS DE LECTURA: UN DIÁLOGO CON PROUST

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil(2008). Professora efetiva da Universidade Federal do Pará. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/ICED/UFGPA) e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/CUNTINS/UFGPA). Líder do Grupo de Pesquisa PHILIA - Filosofia, Linguagem e Alteridade na Educação. E-mail: <gilcilene@ufpa.br>

² Graduado em Letras - Habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará. E-mail: <jessecamppos@gmail.com>



RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir el tema de la Lectura, configurado en el ensayo *Sobre a Leitura*, de Marcel Proust (escritor parisino que nació en 1871 y murió en 1922). El objetivo consiste en mirar el universo literario de Proust por el medio de la lectura, desde sus memorias de infancia, para investigar experiencias de lectura que nos lleven a pensar, por un nuevo ángulo, los sentidos formativos de la lectura. El estudio bibliográfico dialoga con Proust (2001), Nietzsche (2003) e Larrosa (2002, 2004), planteando como argumento la percepción de que la lectura, aunque sea una actividad educativa transversal que atraviesa diferentes áreas del conocimiento en el medio escolar, académico y vida social, infelizmente no viene siendo desarrollada e incentivada satisfactoriamente desde corta edad del educando, ocasionando serias implicaciones para el proceso de aprendizaje en su trayectoria de escolarización y aspectos de la vida cotidiana. Se concluye que la idea de lectura presente en la obra *Sobre a Leitura*, de Marcel Proust, valora e incentiva el leer en la corta edad, trayendo la importancia del acto de leer por entre su contacto subjetivo con el *lector*.

Palabras-clave: Lectura; Sentidos; Experiencias de Formación; Marcel Proust.

INTRODUÇÃO

O trabalho aborda a atividade da leitura, em seu sentido formativo, relacionada à experiência do ler como fruição e prazer, um caminhar *rumo ao desconhecido*. As memórias de infância do leitor Proust no ensaio *Sobre a leitura* (2001) sobressaem como uma poética do *tempo perdido*, contrariamente à concepção usual de leitura como *decodificação* de códigos da língua, e à figura do *leitor competente*, para quem a dimensão formativa da leitura não ressoa importante.

Partindo do sentido usual de leitura, inicialmente consideramos que a aquisição cognitiva do ler nos conduz ao limite da pronúncia das palavras preexistentes; ou seja, essa primeira aventura no ler pouco passa pela apropriação. Todavia, enraíam sentidos, mesmo que ainda vagos dessa alteridade constitutiva da linguagem. Temos, então, nesse primeiro contato, uma dicotomia entre sentido e som, possivelmente ocasionado pela preparação silábica que somos expostos.

Esta fase inicial dá lugar a uma evolução gradativa do leitor. Este que irá utilizar as técnicas de instrumentalização da leitura para se tornar um *leitor competente* aos olhos da sociedade na qual está inserido; em outras palavras, este *leitor que sabe ler em geral* produz sons e compreende sentidos pré-determinados. Esta é a ideia que temos de um leitor competente; porém, deve-se ter em mente que o ensino, ou até mesmo a leitura, requer um leitor capaz de pensar enquanto lê, um leitor com qualidade de investigador. Deste modo, a pesquisa se prontifica a tentar discutir o posicionamento do leitor enquanto leitura e

experiência do ler. Entretanto, não se trarão verdades absolutas, já que nosso foco não é criar um perfil de *leitor crente* ou *leitor ideal*. Pelo contrário, é dar a pensar o ler como relação do leitor em *direção ao desconhecido*, para que possamos vislumbrar a relação dos sentidos e da experiência da leitura dentro das memórias e sensações oriundas das ressonâncias da leitura proustiana.

Dessa figura de leitor contemporâneo, fruto da educação dos dias atuais, formadora de leitores repetidores, surgiram os seguintes questionamentos que irão nortear a pesquisa: Qual o papel da leitura na sociedade atual? Que entendimentos construímos em torno dos significados da leitura? Qual o papel da leitura em nossa vida espiritual e educacional? Em que sentido dizemos que somos *leitores competentes*? Qual o papel que a leitura desempenha na infância? Qual a importância de ler e pensar na leitura orientada na tenra idade do educando? Que memórias e experiências cultivamos ao longo de nossa atividade de leitura? Como construímos nossas sensações e experiências em contato com o ato de ler? Que sentidos e experiências de leitura a obra de Proust proporciona vivenciar?

Levando em conta tais questionamentos, o texto desenvolve alguns sentidos e experiências formativas de leitura, construídos com base nas memórias de infância do leitor Proust, no intuito de repensar o ato de ler como fruição e prazer, e como elemento singular de interação texto-leitor. Para tanto, trataremos dos seguintes aspectos: inicialmente abordamos as concepções de leituras que perpassam o imaginário comum; ou seja, a leitura que fazemos nos dias atuais constrói-se pelo entendimento da interação entre texto e leitor, em que a figura do *leitor competente* é aquele que se apropria das mais variadas formas de leitura para alguma finalidade usual. A seguir, ensaiamos possíveis sentidos e experiências de leitura que iríamos adotar na análise do ensaio *Sobre a Leitura*, de Marcel Proust, detendo nossos esforços em analisar as memórias proustianas e seus conceitos confluentes, a fim de construir uma articulação entre o ato de ler e as sensações/experiências formativas provocadas no leitor, uma leitura constituída longe das concepções usuais na sociedade e na educação, uma leitura como *reescritura* do novo, abrindo caminhos para experiências como *convite ao desconhecido*. Por fim, com as ressonâncias proustianas, pensamos a leitura pela ótica dos sentidos e dos significados, marcada pelas sensações do encontro com o mundo e seus mistérios, a fim de ressonar estes pensamentos pela sociedade, em especial, na

educação, pois é preciso repensar o ato de ler por meio de sentidos que ressoem experiências formativas transformadoras e prazerosas.

A LEITURA E SEUS SENTIDOS

A leitura que fazemos nos dias atuais constrói-se em nossas manifestações sociais. Desta forma, o ler passa a ser amplamente difundido como a interação entre texto e leitor, pela qual, ao ver da sociedade, um leitor competente é aquele que se apropria das mais variadas formas de leitura. Este é o leitor nato, o que compreende tudo muito bem, e o que tem conceito pronto de tudo; é um intelectual enciclopedista (NIETZSCHE, 1977, *apud* LARROSA, 2002). Aqui veremos um pouco do ler dentro do imaginário construído na sociedade, tencionando o entendimento da leitura em seus significados usuais, suas limitações, mas também como desejo, obscuridade, dispersão... que explanaremos pelo pensamento de Larrosa, autor que traz em seu corpo teórico acenos do pensamento nietzschiano. Assim, buscamos discutir as interações e sensações provocadas no leitor pelo percurso da leitura, com propósito de descortinar a leitura como experiência formativa no leitor.

Quando se pensa em ler, qual é a ideia que surge? Se refletirmos a leitura nos dias atuais, acabaremos presenciando o contanto dela com prazer? Pelo pensamento de Nietzsche compactuaremos com a concepção de que a leitura, em seu sentido usual, tornou-se uma mercadoria a ser exibida, na qual o ter lido ou conhecer resumidamente o enredo da história implica status, um ganho imediato. Assim, “o ‘leitor moderno’ já não têm tempo para esbanjar em atividades que demorem, cujos fins não se veem com clareza, e das quais não podem colher imediatamente os resultados” (LARROSA, 2002, p. 14). Para o *profissional da leitura*, ler é mera produção, orientado, diríamos, ao próximo artigo, à próxima resenha, ao próximo livro... são esses leitores *produtores* que leem apressados, que preferem guiar-se por ideias prontas, mais que ruminar suas próprias, e esquecem que a “leitura é algo ao qual cada um deve se aplicar com lentidão” (LARROSA, 2002, p.14).

Já começamos a ver um perfil do leitor que pertence à leitura como a compreendemos usualmente. Entretanto, nosso foco não é o leitor, mas falar da leitura, sem

o leitor, é retirar dela seu expectador principal, em alguns momentos divagaremos tanto pelo leitor quanto pelo ato de ler.

O sentido da leitura usual que somos levados a crer paira na concepção de que ler é a ação de decifrar códigos com intuito de compreender os significados usuais predeterminados pela pragmática do senso comum. Fugir deste conceito é difícil, visto que a sociedade nos mergulha, desde o processo de alfabetização, quando *saber ler* é apenas pronunciar palavras, e não nos apropriar dos sentidos. Este *esquecer* o sentido se instaura naturalmente na desapropriação involuntária da infância; ou seja, esse primeiro leitor nasce pela sua competência da pronúncia dos símbolos chamados *palavras*, que ao tropeçar por entre as regras e símbolos da língua, sua (in)compreensão não faz muito sentido.

A leitura das palavras, como são arbitrariamente determinadas, acaba por criar uma dicotomia entre o som e o sentido. Este último que se esvai ao vento seguindo as palavras que esse *primeiro* leitor produz, e desse processo de produção surge o primeiro *leitor*, que mal consegue chegar ao sentido usual, e que não consegue ver a leitura além da ferramenta, não dando à leitura seu *sentido vivo* (LARROSA, 2004).

Consoante ao pensamento de Larrosa (2004), combatemos a concepção de um *ler competente*, como aquele ávido em decifrar códigos da língua, restringindo a leitura ao aspecto cognitivo. Com isso, um *leitor competente*, entendido como o que *saber ler*, não esquece o que é esse *ler*, e por isso não se abre ao *não saber ler*; ou seja, ao desconhecido, à dimensão enigmática e incompreensiva da leitura, esquece o lugar que a leitura desempenha dentro de si e interioriza a leitura com voracidade e utilidade.

Ao longo do processo cognitivo acontecem mudanças no modo como interagimos com a leitura, desde o primeiro contato até o momento em que nos autodenominamos *leitor* (aquele que *saber ler em geral*); em outras palavras, aquele que se debruça na leitura com intuito de apropriação e que vive em entender o sentido explícito no texto, com propósito de se bastar no caráter limítrofe da leitura, ainda é aquele que segue guiado pelos sentidos anteriores, que os outros já haviam definido como o certo.

Deste modo, nos tornamos *leitores competentes* em sentido usual quando buscamos a utilidade do texto e seus significados aplicáveis a algum fim. Desta forma, apenas avistamos o *sentido vivo* da leitura quando abrimos ao horizonte do olhar vindo do outro, dentro dessa alteridade que se constrói com o texto, quando julgamos o limite da

leitura não como verdade. Pelo *sentido vivo* da leitura seguimos por um caminhar leve *rumo ao desconhecido*. Ocorre que, muitas vezes, não nos abrimos à alteridade do texto e sequer nos autocompreendemos como leitores em formação. Sendo assim, tomamos nossas outras leituras como manuais para lermos tudo de antemão e para julgarmos saber sem muito trabalho (LARROSA, 2004).

Há pouco vimos a relação habitual da leitura pela sua manifestação dentro da sociedade, assim como entendemos seu sentido usual como a ação de decifrar códigos da língua presente, pela qual o ler se instaura nos sentidos habituais. O ler então é visto como uma ferramenta de busca que o leitor usa para encontrar o que lhe convém. Ler em busca de inventar os sentidos se faz imprescindível para que possa permitir ir além do que já foi construído; despir-se da ideia de colheita, aquisição e apropriação para, assim, promover o pensar, direcionando-nos ao esquecer natural, como veremos expresso em Larrosa:

Cada dia lemos, às vezes falamos de nossas leituras e das leituras dos outros, todos nós sabemos ler e, às vezes, ensinamos a outros a ler, habitualmente usamos com plena normalidade e competência a palavra ler... mas talvez ainda não sabemos o que é ler e como tem lugar a leitura (LARROSA, 2004, p. 18).

Nesta perspectiva, Larrosa (2004) sugere que ler é algo que fazemos com tanta naturalidade que esquecemos a complexidade que deveria ser empregada na leitura. Esquecer deveria ser um processo natural para renovação, de modo que pudéssemos alcançar a força que a leitura expressa em nós, e nos defender da voz que ressona do outro quando se faz opressão, para que a leitura perpassasse pelo estranhamento e desassossego, a fim de possuímos um leitor que pense enquanto lê (NIETZSCHE, 2003). Desse esquecimento do ler pelas entrelinhas que o limite se apresenta, seguimos o pensamento nietzschiano de que o ler é *algo que dá a pensar*, sendo direcionado ao ler além do legível, a fim de trazer à tona a obscuridade da palavra posta à incerteza.

Digamos, então, que dar a pensar a leitura é um gesto puramente filosófico que carrega consigo a reflexão, e não limita à experiência da leitura que o silêncio direciona ao pensar, para que se possa ler a obscuridade, visto que o leitor se liberta quando quebra a ideia do ler como acumulação de sentido, fugindo da ideia de leitura-mercadoria. Essa mercadoria vive na metáfora da produção (quanto menor o custo e maior aquisição, melhor

para a lei do mercado). Ou, por outro viés, o do escritor que “é semelhante ao operário de fábrica, que durante toda a sua vida não faz outra coisa que determinado parafuso e de determinada mangueira, para determinado utensílio ou determinada máquina, no que indubitavelmente chegará a ter incrível maestria” (NIETZSCHE, 1977 *apud* LARROSA, 2002, p. 37), maestria que traz ao leitor outra figura:

[...] O Erudito não faz outra coisa senão revolver livros – o filólogo corrente, uns duzentos por dia –, acaba por perder íntegra e totalmente a capacidade de pensar por conta própria. Se não revolve livros, não pensa. Responde a um estímulo (um pensamento lido) quando pensa, – ao final a única coisa que faz reagir. O erudito dedica toda a sua força a dizer sim ou não, à crítica de coisas já pensadas – ele mesmo já não pensa... [...]” (NIETZSCHE, 1971 *apud* LARROSA, 2002, p. 35).

É pelo caminho da alienação que o erudito representa, segundo Nietzsche, o *nanismo intelectual* não consegue “receber uma impressão insólita ou ter um pensamento decente” (NIETZSCHE, 1977 *apud* LARROSA, 2002, p. 37). Desta forma, vive-se hoje em um *mercado* de produção, onde se instrumentaliza a leitura para ser objetiva, orienta-se a leitura à produção acadêmica de artigos, resenhas, livros, etc. Aceitar a ilegibilidade do ler é negar tudo que se compreende por leitura atual; porém, é essencial ouvir, amar e pertencer à leitura de outra forma, para que se leia para além do próprio sentido. Ler, então, para seguir *rumo ao desconhecido*.

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA: O LEITOR PROUST

“Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido” (PROUST, 2011, p. 9). Dias que o silêncio gravou, em nossa face, resquícios do passado, transportando-nos à memória. Assim, divagaremos entre presente e passado ao encontro do sentido.

Desta ideia de leitura como tempo perdido, há quem prefira caminhar por entre campos verdes, desenvolver atividades práticas com fins específicos, ou correr por entre o mundo físico sem rumo, a vontade de preencher seu tempo move-os. Todavia, para os amantes da leitura, o convite emana dos livros, como a aventura a ser vivida, pertencida em

outros lugares, em outras viagens. O corpo envolve-se com a leitura em um ler mergulhado que o leitor ama habitar; esses momentos de leitura geram no leitor sensações, experiências e memórias. Trataremos, aqui, das memórias proustianas nascidas na infância como construção formativa do leitor.

Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezásemos como um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou mudar de lugar, a merenda que nos obrigavam a levar e que deixávamos de lado intocada sobre o banco, enquanto sobre nossa cabeça o sol empalidecia no céu azul (PROUST, 2011, p. 9).

Qualquer presença que nos force a submergir da leitura incomoda, interrompe o ato de amor profundo com o livro. Ainda se, nesses dias, a visão do outro nos julgue procrastinar: diriam que somos vazios das *grandes atividades* desenvolvidas por eles, como que o sentido de *tempo aproveitado* estivesse no mundo real. Deste modo, somos e seremos transgressores dessa razão coletiva, que com o amor aos livros, amamos em liberdade e desejo no observar íntimo. Frutos das leituras da infância que o discurso proustiano elenca e valora, “quem, como eu, não se lembra dessas leituras feitas nas férias, que íamos escondendo sucessivamente em todas aquelas horas do dia que eram suficientemente tranquilas e invioláveis para abrigá-las” (PROUST, 2011, p. 10). Em seu deleite supremo, repousar ao encontro da curiosidade típica da infância e da disposição do interesse, uma sensação complacente com prazer algoz, que não se notava o transcorrer das horas, e nem tínhamos horas, mas tínhamos apenas vontade.

De manhã, voltando do parque, quando todos “tinham ido fazer um passeio”, eu me metia na sala de jantar, onde, até a ainda distante hora do almoço, ninguém, senão a velha Félicie, relativamente silenciosa, entraria, e onde não teria como companheiros de leitura mais do que os pratos coloridos pendendo nas paredes, o calendário cuja folha da véspera havia sido há pouco arrancada, o pêndulo e o fogo que falam sem pudor que se lhes responda, e cujos suaves propósitos vazios de sentido não substituem – com as palavras dos homens – o sentido das palavras que se leem (PROUST, 2011, p.10)

Das memórias descritas no imaginário proustiano, podemos reconstruir nossa própria experiência de leitura, dando a pensar as nuances minuciosamente descritas. Este

cenário que aqui nasce pelo convite da leitura eterniza-se na fala do autor. O convite a regressar à infância imerge na alma e faz ressonar sensações presentes no *sentido vivo* da leitura, por entre as interjeições que interpelam o movimento de leitura, tornando as memórias presentes, sentidos sensoriais que constroem conceitos. Os detalhes gravados habitam nesse *pertencer* um momento regresso: estamos aqui, então, lendo, eis aqui nosso lugar, nosso conforto, o que ecoa por entre ação de leitura são as vozes que flutuam do livro ao encontro da realidade, os sentidos também flutuam aqui por uma *alteridade constitutiva da linguagem*, o que, com outro e pelo outro, a conversa segue em silêncio, eternizando na memória entre as sensações e experiências construídas na relação com o livro.

De tempos em tempos, ouvia-se o barulho da bomba que fazia a água correr e também levantar olhos e olhá-la através dos vidros fechados da janela, ali, bem perto, na única aleia do jardimzinho que margeava com tijolos e faianças em meias-luas suas platibandas de amores-perfeitos: amores-perfeitos colhidos, parece, nesses céus tão bonitos, esses céus versicolores e como que refletidos dos vitrais da igreja que se viam às vezes entre os tetos da vila, céus tristes que apareciam antes tempestades, ou depois, já bastante tarde, quando o dia estava prestes a terminar (PROUST, 2011, p. 11).

É o detalhamento da memória proustiana que continua sendo exaltado, as experiências e sentidos são concomitantes, as horas que o contato com a leitura perdura, a cisão do elo invisível da leitura se interrompe pela imposição das convenções sociais. Esse incômodo nos força a voltar à realidade, e nos nega a leitura no cerne mergulhado, em períodos interrompidos o leitor se volta à realidade e guarda o olhar distraído, olhar dadivoso, transmutado, observa tudo como um expectador distante desse mundo real, pois seu estado de embriaguez o faz ver o sentido fluido entre a plenitude e o vazio. Seu admirar sensitivo perpetua nesse lugar que não se pode carregar, nessas memórias que nascem distraídas, que vão ao encontro da eternidade do ser humano/leitor. Sentidos e sensações vagam através do leitor que valora o admirar e imerge no mundo sensitivo, dando ao sentido um lugar que não se pode perpetuar, uma imagem de renovação, uma imagem descontraída; desta forma, não tomaremos a leitura como *ferramenta*.

As memórias que construímos ao longo da leitura pertencem a essa experiência que vem de longe, que nos afasta da realidade, que nos leva à aproximação do íntimo da

leitura, destas horas em que o tempo é mero espectador, que as convenções sociais são incômodas.

A paixão entre Proust e a leitura continua ressonando nas suas memórias enquanto leitor. O tempo passava em uma relatividade surpreendente, simplesmente não parecia acompanhar a sua vontade de ler, “não fazia muito tempo que lia no quarto e já era preciso ir ao parque” (PROUST, 2011, p. 25) para cumprir suas atividades obrigatórias. O livro acompanhava com certa proibição; entretanto, havia jeitos de abreviar a atividade e se direcionar a leitura.

Eu deixava os outros terminarem de lanchar na parte baixa do parque, à margem dos cisnes, e subia correndo no labirinto até uma alameda onde eu sentava, impossível de ser encontrado, recostado nos nogueirais podados, olhando os aspargos, a cercadura dos pés de morango, o lago, onde certos dias, os cavalos faziam a água subir de nível andando à sua volta, a porteira branca que estava acima, no “fim do parque” e, além, os campos de centráureas-azuis e de papoulas (PROUST, 2011, p. 23).

Em profundo silêncio e seguro das possíveis interrupções, continuava a leitura, em seu estado de fuga, em seu estado de paz, as horas que transcorriam pareciam impiedosas, seu corpo guardava os cenários e as sensações. Tenro é lembrar as horas de leitura em que a única companhia era feita pelos livros e o silêncio. Em silêncio e embriagado, Proust lia; o tempo sempre o trairia, distante de tudo e todos; tinha as horas apenas quando os sinos da igreja anunciavam o entardecer, o som doce e morno soava ao longe, regressar-se-ia para a casa onde cumpriria seus rituais sociais.

Logo após o jantar, Proust recolhia-se para seu quarto, onde continuaria a abrigar sua leitura, proibido era de continuar seu deleite madrugadas adentro, apenas desobedecia quando se encontrava nas páginas finais de um livro. A curiosidade e vontade de saber o que sucederia com os personagens que relacionava com tanta paixão, o motivava a seguir até o fim, e o tão esperando anúncio acontecia *chegamos ao final da leitura!* - depois de todas as horas, de todas as expectativas, de toda a paixão, de toda submersão. “A última página era lida, o livro tinha acabado, era preciso parar a corrida desvairada dos olhos e da voz que seguia sem ruídos, para apenas tomar fôlego, num suspiro profundo” (PROUST, 2011, p. 25). Era preciso se recompor, era preciso “dar aos tumultos, há muito desencadeados em mim, outros movimentos para se aclamarem” (PROUST, 2011, p. 25).

Assim, caminhava aflito por entre seu quarto, em um estado de transtorno eminente, seu corpo reagia, e seus

Olhos ainda fixos em algum ponto que, em vão, se buscaria em meu quarto ou fora dele, porque ele não estava situado senão numa distância de alma, dessas distâncias que não se medem por metros e por léguas como elas quando se olham os olhos “distantes” dos que pensam “em outra coisa” E aí? Esse livro não era senão isso? (PROUST, 2011, p. 25).

O corpo reage às sensações, nos entorpece os sentidos, como algo que empenhamos tanta força e paixão e nos deixa aqui, sem respostas! Este ato final de desligamento acompanha o fim do livro; a partir desse momento não saberemos o que se sucederá na vida dos personagens que relacionamos intimamente, estas *peessoas* que empenham mais atenção do que pessoas da vida *real*. “Nem sempre ousando dizer o quanto a gente os amava” (PROUST, 2011, p. 25), o quanto essas pessoas significavam em nossa vida, “essas pessoas por quem se tinha suspirado e soluçado, não as veríamos jamais, jamais saberíamos alguma coisa delas” (PROUST, 2011, p. 25). O fim do livro como libertação para criarmos nossas próprias histórias, inventar as significações e torná-las memória, neste emaranhado de sensações que a leitura nos constrói.

As memórias proustianas lançam um convite; ao aceitá-lo, somos imbuídos a perscrutar a figura do leitor em seu caráter formativo. Desta forma, ao refletirmos, veremos as experiências da leitura orientada ao primeiro leitor, este que nasce na infância. O leitor Proust guarda em si suas sensações e memórias, não fez mais do que provar o valor da leitura na infância. Assim, vimos um elogio doce à leitura, dando a ela um caráter de amizade, um caráter contemplativo que se observa de longe. Não podemos mudar as histórias que seguem no livro, mas, a partir do fim, podemos escrever o que ficou em nós, podemos vivenciar as marcas dos lugares onde fizemos a leitura. Tal regressão nos faz pensar como é válida a leitura dos clássicos, o ato da leitura na vida, dentro da vida (escolar) da criança, com papel formativo de um leitor que caminhe para o desconhecido, que busca em seu cerne não crer em verdades construídas como máximas.

Esse elogio à leitura não se encerra apenas nas memórias da infância. Pelo contrário, eterniza-se por meio delas na formação constitutiva do primeiro leitor, este que lê mergulhado, este que nasce na infância, como o pensamento proustiano nos conduziu,

exaltamo-nos por meio das memórias que “as leituras da infância deixam em nós é a imagem dos lugares e dois dias que fazemos” (PROUST, 2011, p. 27), deixam em nós um desejo de seguir ao desconhecido, com valoroso saudosismo. Desta forma, nos faz pensar que precisamos incentivar o gosto da leitura desde a tenra idade, para afirmar sua importância na formação do ser/leitor, negando, assim, a repetição do modelo pragmático de ensino, onde a leitura é mera ferramenta.

É preciso treinar o gosto, treinar o olhar, fazer o corpo reagir às verdades vindas do outro para habitarmos seu sentido sensorial, onde não se possa crer em verdades que não gerem renovação. Experimentar uma formação por uma experiência transformadora que possa imprimir no leitor sensações e experiências que perdurem e desassosseguem, e que construa, no íntimo, a ideia da regressão por meio dos sentidos e memórias da infância, confluindo a um ler sinestésico, onde a leitura perpassa pela experiência do silenciar.

Nesse desbravar a experiência formativa do leitor, nos debruçamos pelas memórias do leitor Proust: “sem dúvida não fiz mais do que provar pelo tamanho e pelo caráter do desenvolvimento o que já tinha dito antes” (PROUST, 2011, p. 27), que as leituras da infância desempenham em nós um papel transformador e sinestésico, onde não esquecemos as horas nem o lugar onde as fizemos. “Mas talvez as lembranças que elas me trouxeram tenham elas mesmas sido despertadas nos leitores, conduzindo-os pouco a pouco [...] a recriar em seu espírito o ato psicológico original chamado Leitura” (PROUST, 2011, p. 27). Deste modo, com força suficiente, ela transforma o contato íntimo do leitor com reflexões que nascem a partir do que se encerra no ato de ler.

As leituras de infância, que a pouco vimos nas memórias de Proust, carregam um caráter essencial na construção formativa do gosto do leitor, onde o contato com o livro cria uma curiosidade latente, cria desejos que tornam a leitura um instinto natural, onde nosso instinto de defesa habita. Precisamos não aceitar as verdades absolutas, pois a vontade de renovação seguirá, no íntimo desse *ser/leitor*, com intuito de criar nas crianças/leitores vontades e desejos através da leitura, dando a vida espiritual a um prazer que não se mede, apenas se encanta, para que se consiga formar um gosto pelas grandes obras, criar um gosto que faça o leitor pensar enquanto lê, um gosto com gesto antropofágico seletivo, apreciativo, que leve o leitor a discernir o que acolheu. Mas para que esse gosto exista é

preciso ler em atitude contemplativa e em um silêncio observador, é preciso, acima de tudo, presenciar o mundo com um olhar distraído e transformado, sobretudo, é preciso ruminar:

E nisto reside, com efeito, um dos grandes e maravilhosos caracteres dos belos livros (que nos fará compreender o papel, ao mesmo tempo essencial e limitado que a leitura pode desempenhar na nossa vida espiritual) que para o autor poderiam chamar-se “Conclusões” e para o leitor “Incitações”. Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos (PROUST, 2011, p. 33).

O desejo promove a curiosidade e nos evidencia sensações. É preciso que sejamos interpelados pelas inquietações em nosso processo de leitura; querer é algo presente dentro da formação do ser/leitor, promovido e ressignificado por seu desejo de plenitude, e completude do gosto. Já este leitor (diferente do leitor atual) detém suas forças em algo que *não faz sentido*, ou que não se encaixe na sua arrogância. Qualquer dessas opções é simplesmente renegada, pois o *querer* deve nos elevar à busca do desconhecido, deve desassossegar, a fim de resvalar pela perspectiva proustiana por entre a ideia de incitação quando o livro encerra. Assim, ler é uma *reescritura do porvir*; a leitura começa e as inquietações precisam estar presentes no íntimo do leitor. Desta forma, é nesse momento que se faz necessário topar a leitura com uma qualidade de filólogo, buscando sempre nas entrelinhas sentidos submersos para compreender o que não se desenha em plenitude, pois é através destes desejos que

ele (o autor) não pode despertar em nós senão fazendo-nos contemplar a beleza suprema à qual o último esforço de sua arte lhe permitiu chegar. Mas por uma lei singular e, aliás, providencial da ótica dos espíritos (lei que talvez signifique que não podemos receber a verdade de ninguém e que devemos criá-la nós mesmos), o que é o fim de sua sabedoria não nos aparece senão como começo da nossa, de sorte que é no momento em que eles nos disseram tudo que podiam nos dizer que fazem nascer em nós o sentimento de. que ainda nada nos disseram. [...] (PROUST, 2011, p. 34).

Inventar não deixa de ser uma razão aos sentidos que flutuam dispersos, os sentidos fazem-se submersos. Mas, em sua certeza, mostram-se presentes em um espaço que só se constitui no limiar da leitura. Às vezes, precisaremos ir além do sentido, ou se não nos for dado um sentido, teremos que criá-lo para que o mundo não se constitua de

verdades irredutíveis, mas ver o mundo pela ótica da renovação das verdades, com intuito de que essas verdades não sejam um acervo de respostas prontas, negando a possibilidade de caminhar para o novo.

Talvez o que Proust mostra, através de suas memórias de infância, seja o papel valorativo que estas leituras desempenham na formação constitutiva do leitor, causando assim, no interior do leitor, uma sede pelo porvir, guiando-nos por uma curiosidade natural da infância, a fim de que não percamos a vontade e nem o ânimo. Dar a ler as páginas para além do término do livro e, desta forma, o término não marcará o fim da busca do sentido; pelo contrário, gerará no leitor impulso a desbravar o desconhecido. O sentido não precisa ser rapidamente formado e consumido, pois a maior certeza é pertencer à incerteza, abraçando o silêncio com um jeito distraído, o silêncio como estado de alma verdadeiro, desta infância que se desenha no esquecimento.

CONCLUSÃO

Este estudo conclui que a ideia de leitura presente no ensaio *Sobre a Leitura*, de Marcel Proust, valora e incentiva o ler na tenra idade, trazendo a importância do ato do ler por entre seu contato subjetivo com o *leitor*. Assim, as memórias cultivadas na experiência com a leitura desde a infância dão ao ler o recorte dos sentidos e experiências que o leitor precisa ser incentivado a fazer, seja em suas vivências escolares ou sociais mais amplas.

As memórias proustianas descritas em seu ensaio não visam a elencar um *ensino* da leitura, tão somente trazem pistas de como podemos desfrutar a leitura como elemento formativo e a interação com o texto *rumo ao desconhecido*. Subtende-se, com isso, que o ato de ler perpassa a experiência subjetiva do leitor, e qualquer tentativa de ensinar a ler como instrumentalização implica uma diminuição da complexidade da leitura.

Proust convida a ver a leitura pela ótica dos sentidos, como fruição e experiência de formação, sendo nossa tarefa a de fazer ressonar estes pensamentos pela sociedade, em especial na educação, pois, é preciso contestar o sentido usual de leitura como *utilidade*, desprovida de um valor formativo para desfrutá-la em seu *sentido vivo*.

Pelas memórias de infância de Proust e seu universo literário, desbravamos um ler diferente, longe das concepções usuais na sociedade e na educação, uma leitura como

reescritura do novo. Aqui se buscou pensar no porvir, pela figura da infância, desejando que o ato de ler seja gerador de renovações, onde nosso espírito possa ser preenchido pela experiência do vazio. Destarte, esta alma deve habitar uma experiência salutar, em busca do *tempo perdido*, em que as leituras se reiterem ao prazer.

Ao prazer do texto que Proust valora em seu discurso, queremos reiterar em nossa escrita, o maior bem, o maior prazer. Pertencer à leitura em seu caráter contemplativo implica buscar o desconhecido. Assim, precisamos perder nossa consciência, realidade, arrogância, cultura, história, saberes, expectativas, gostos, ideias, preocupações, nossas certezas... para que a experiência formativa de leitura nos seja plena e leve, como o brincar de uma criança despida do já sabido para mergulhar no porvir do desconhecido, sem medo da pouca luz no caminho.

Ao fim, reiteramos que o elogio da leitura em Proust nos abre sensações que gritam por afastar-se de um *ensino instrumental* e de um *leitor competente*, presos à produção de mercado. Tempo em que o mundo cansou de pensar, prefere se guiar pelas ideias pré-fabricadas pelos outros, o maior perigo, verdades que nascem da objetividade do olhar, e que perduram. Nosso convite, com este trabalho, não foi forjar verdades, nem dizer que este é *o caminho* (afinal, nos diz Nietzsche: “Ai daqueles que se perguntam pelo caminho!”), não. Não queremos ser profetas, pois quem crê se prende novamente: nosso maior desafio e perigo é subverter o pragmatismo em busca de uma experiência transformadora pelo encontro com a leitura, incentivando a leitura desde tenra idade, pela formação constitutiva do primeiro leitor, pois pensar a leitura no primeiro leitor também é pensar na educação e no mundo do porvir, como bem o fez Proust.

REFERÊNCIAS

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Traduzido por Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Nietzsche e a Educação**. Traduzido por Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre Educação**. Traduzido por Noéli Correia de Melo Sobrinho, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Tradução de Carlos Vogt. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1991.

RECEBIDO EM 22 DE FEVEREIRO DE 2015.

APROVADO EM 11 DE MAIO DE 2015.